

Rita Vilela



ilustrações
Sandra Serra

Curso de defesa
CONTRA
bactérias más





Afonso levantou-se de um salto, correu para a casa de banho, abriu a tampa da sanita e vomitou mais uma vez.

— Posso ajudar? — perguntou a Maria, preocupada, pois nunca tinha visto o primo assim tão mal disposto.

Sem lhe responder, o Afonso cambaleou de volta à cama e fechou os olhos. Ele só queria que aquilo passasse depressa.

A mãe entrou no quarto, acompanhada pelo médico.

— Afonso, este é o Dr. Alberto, que veio ver como estás.

O médico examinou com cuidado o paciente.

— Vais ficar bom, não te preocupes. Só tens de tomar estes comprimidos e seguir à risca a dieta — disse, enquanto escrevia a receita.





— Como é que ele ficou assim? —
A Maria estava curiosa.

— Penso que sei quem é o culpado, mas ainda me faltam provas. Se passarem amanhã pelo meu consultório, investigamos com calma e chegamos à verdade.

Assim que ficaram sozinhos, o Afonso fez sinal à prima para se aproximar.

— Ouviste o que o médico disse, Maria? Acho que alguém tentou envenenar-me!

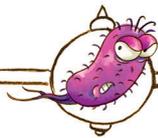
— Ele disse mesmo isso?! —
perguntou ela, desconfiada.

— O Dr. Alberto disse que sabia quem era o culpado... Quer dizer que estava a falar de uma pessoa, certo? Alguém me envenenou! E deve ter sido um veneno forte, pois eu sinto-me mesmo, mesmo...

O Afonso levantou-se e correu para a casa de banho, deixando a frase a meio.

O primo às vezes fazia as pessoas perderem a cabeça, mas daí a tentarem envenená-lo?! A Maria não conseguia lembrar-se de ninguém capaz de fazer uma maldade daquelas.





No dia seguinte, bem cedo, o Afonso e a Maria estavam à porta do consultório do Dr. Alberto.

O médico mandou-os entrar, indicou-lhes duas cadeiras para se sentarem, e ficou de pé junto de um quadro branco.

Pegou numa caneta preta e começou a desenhar. Desenhou o Afonso do lado esquerdo, escrevendo «vítima» por baixo dele. Do lado oposto do quadro desenhou um ponto de interrogação com a palavra «culpado» por cima.



— Agora preciso de saber tudo o que se passou ontem, desde que te levantaste até que ficaste doente, para podermos dar um nome a este culpado. Mas, estou tão certo de que sei quem foi, que até escrevi aqui o nome — afirmou o médico, mostrando uma folha de papel azul dobrada em quatro.



O Afonso quis logo ver o que estava lá escrito, mas o Dr. Alberto não deixou e começou o interrogatório.

— Contem-me então como foi o vosso dia de ontem. Lembrem-se, todos os detalhes são importantes para chegarmos à verdade.

— Quando comecei a ficar mal disposto eu estava a estudar. Eu sabia que estudar não me fazia bem, mas não imaginei que pudesse fazer assim tão mal — brincou o Afonso.



— Não sejas parvo! — disse a Maria. — É melhor começar do início. Levantámo-nos quando o dia nasceu e, depois do banho, fomos comer.

— O pequeno-almoço foi pão com queijo — disseram os dois ao mesmo tempo.

— E não bebemos nada para nos despacharmos mais depressa — acrescentou a Maria.

— Depois fomos jogar à bola. Remates à baliza... — explicou o Afonso.

Com uma caneta vermelha, o médico desenhou uma **bola** no quadro.



— Quando ficámos cansados, deitámo-nos na **relva** a descansar — disse a Maria.

O Afonso esperou que o Dr. Alberto desenhasse um tufo de erva vermelha, antes de acrescentar:



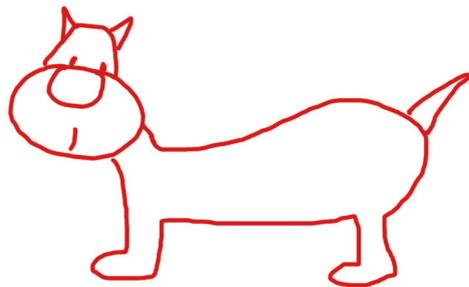
— Depois, o Bonifácio apareceu.

— Bonifácio? Quem é? — quis saber o médico.

— É um cão vadio. Adora o meu primo, assim que o vê corre para ele a pedir festas — respondeu a Maria.

— E eu enchi-o de festas, claro — reforçou o Afonso. — Mas não fui só eu, a Maria também fez o mesmo.

A imagem de um cão pouco parecido com o **Bonifácio** foi desenhada no quadro.



— E depois? — perguntou o médico.

— Eu estava com fome e fui comprar um cachorro-quente — declarou o Afonso.



— Eu estava aflitinha para ir à casa de banho e, quando voltei, o Afonso já estava a **pagar**.

— Algum de vocês viu o empregado a preparar o cachorro- quente? — perguntou o médico, enquanto desenhava no quadro uma nota vermelha.

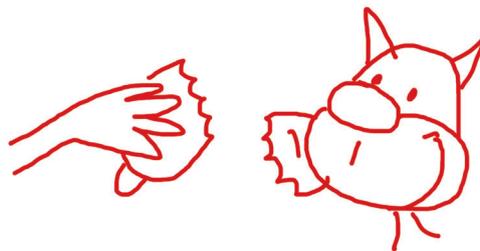


— Eu vi — respondeu o rapaz. — Ele pegou num guardanapo e agarrou o pão com ele. Depois, com uma pinça, colocou a salsicha e as batatas lá dentro. E o segundo cachorro- quente foi igual.

— Eu limpei as mãos que tinha acabado de lavar e agarrei num dos pães — disse a Maria.

— E eu agarrei no outro cachorro- quente, sem guardanapo, que aquilo só atrapalha, e fomos os dois para a relva, comer... Quer dizer, na realidade comemos os três, porque o Bonifácio fez questão de dar a **primeira dentada**.

— Hum! Hum! — fez o médico, desenhando uma mão a segurar meio pão com salsicha e um focinho de cão com o resto na boca.

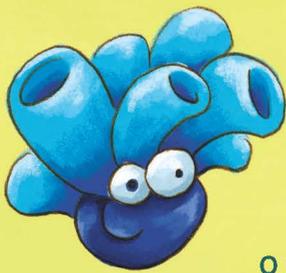


— Depois jogámos mais um bocado à bola e fomos almoçar a minha casa — explicou o Afonso.

— Assim que entrámos, mal tive tempo de lavar as mãos, pois a tia já estava a chamar para a mesa — contou a Maria.

— E eu estava no quarto e nem fui à casa de banho, para não me atrasar, pois a mãe não gosta de atrasos.

— O almoço foi igual para todos, sopa de legumes e bife com arroz. A sobremesa foi **maçã**, a minha sem casca, a dele com casca. E depois fomos para a sala fazer os trabalhos de casa.



As bactérias andam por aí:
umas são boas, outras más, outras assim-assim.

Quando o Afonso, o primo da Maria, adocece,
o médico vai procurar pistas que levem à descoberta
do verdadeiro responsável por aquela doença.

A verdade vai surpreender os dois primos.

A Maria sugere fazerem um dos cursos do Jardim Zoológico,
onde os animais vão ensinar-lhes um conjunto de regras importantes
para se defenderem das bactérias más.

Junta-te à Maria e ao Afonso nesta divertida história,
onde podes aprender tudo aquilo de que precisas
para levar uma vida ainda mais saudável e segura.

Não percas, na mesma coleção:



Apoio:



Vê o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.booksmile.pt

booksmile

livros que saltam à vista

20 20 editores

ISBN 978-989-8491-67-1

5+



9 789898 491671 >

Primeiras Leituras